



# "GEN AMARO SOARES BITTENCOURT — TRAÇOS DE UM PERFIL"

Sérgio Roberto Dentino Morgado

*"Efetivamente este nome vale por si só e é por isso que, propositadamente, não o adjetivamos, a fim de não toldar o brilho dessa jóia que é a sua encantadora modéstia."*

Cel CARMERIO GONDIN

*Comandante da Escola de  
Aperfeiçoamento de Oficiais*

*A história biográfica constitui excelente fonte de inspiração de vida, nem sempre bem explorada nos dias atuais.*

*O presente artigo, produto de pesquisa desenvolvida pela Comissão de Pesquisa Histórica Básica de A Defesa Nacional e Arquivo Histórico do Exército, registra uma síntese da vida do General Amaro Soares Bittencourt e aspectos da conjuntura do Exército e do ambiente político do seu tempo. Escrito em linguagem leve e simples e narrativa atraente, vale a pena ser lido.*

**A** personalidade do Gen Amaro Soares Bittencourt foi ornada de múltiplas facetas.

Cada uma mais cativante e mais reveladora.

Aqueles que o conheceram, privaram de sua amizade e com ele serviram, trabalharam ou conviveram, puderam mais de perto sentir, avaliar e usufruir de seus atributos.

\* Elogio consignado por seu Comandante na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

Seu grande interesse, a Eletrotécnica, constante em sua vida, não se conflitou com seu espírito militar; ao contrário, deu-lhe maior realce.

O gaúcho Amaro Soares Bittencourt nasceu na pequena vila de Taquari.

Seus pais, Alvaro Soares de Azambuja e Honorina Bittencourt Azambuja, em quadra difícil para as finanças e a economia do País, buscavam manter-se, gerindo modesta casa comercial: um armazém de secos, molhados e utilidades várias, que, no linguajar sulino se conhece como "boliche".

Desde garoto, acostumou-se ao trabalho e a levantar de madrugada. Aos poucos, foi sendo encarregado de serviços diversos, principalmente da entrega de mercadorias e do atendimento à freguesia, junto ao balcão.

Aprendeu a ler, escrever e contar, em sua própria vila natal. Esperto, inteligente e aplicado, instruiu-se depressa. Esses traços chamaram para si a atenção do seu professor, que passou a dedicar-lhe maior interesse. Dentre em pouco, Amaro era o menino da "aula" que melhor lia, escrevia e fazia as quatro operações.

A boa índole e o coração generoso levaram-no, mal contando treze anos de idade, a tornar-se professor, criando situações como a de receber na sala um rapazote, imigrante italiano, de sua idade, seu companheiro de folgedos, que lhe veio a ser o primeiro aluno. Fol-

gedos de lado, Amaro lhe transmitiu, com empenho de adulto, os mesmos ensinamentos que aprendera. Seu discípulo não o decepcionou.

Corre o tempo, e a Vila de Santo Amaro, depois Vila de Margem - hoje denominada General Câmara - foi aquinhoadada com uma estação, ao ser inaugurado o trecho ferroviário entre o povoado da Margem do Taquari e o de Cachoeira do Sul. Algumas vezes, o jovem Amaro esteve nesse povoado.

Numa delas, indo à estação, deparou com o aparelho telegráfico a emitir os sons dos sinais breves e longos do código Morse e viu, também, a estreita fita de papel a correr e a receber impressos esses mesmos sinais, compondo uma mensagem.

Esperto, inteligente e sempre curioso, ávido de novos conhecimentos, Amaro interessou-se pelo assunto. Pediu que lhe ensinassem. Seu empenho foi notado. Bom ouvido, aprendeu depressa. Praticou sem cessar, sem querer largar o manipulador. Contemplava os vidros com o ácido, os elementos de cobre, o líquido meio esverdeado, os fios de cobre que se ligavam aos bornes, o maquinismo de relojoaria, a chave que lhe dava vida. Quanta novidade! Estava empolgado: poder "falar" com alguém distante e trocar mensagens!

Um dia, o telegrafista efetivo adoeceu gravemente.

Não havia como substituí-lo, de pronto. O chefe da estação

lembrou-se, então, do rapazinho de 15 anos, o praticante, mas já aproveitável. Amaro ocupou o lugar do outro, vindo, a seu turno, a tornar-se telegrafista efetivo da ferrovia. Diariamente, vencida a distância de casa à estação, a pé, ou no lombo de um burrico, para chegar, às cinco e meia da madrugada, ligar o aparelho e avisar à estação seguinte, liberando a linha férrea para o trem que partia. Ali, confirmava-se, precoce, o senso de responsabilidade.

Mas, se a telegrafia com fio lhe agradava, não chegava a ser uma vocação. Seus horizontes, mais amplos, atingiam os sonhos de ser oficial do Exército. Entretanto, insulado nas pequenas vilas do interior e trabalhando para sustentar-se e ajudar os pais, não lhe sobrava tempo para os estudos mais adiantados, necessários à preparação para os exames de suficiência para o curso de formação. Por outro lado, tinha condições para a aprovação em exames parcelados, chamados de "preparatórios", perante bancas nomeadas pelo Governo, na capital do Estado, que lhe dessem condições de ingressar no ensino superior. O obstáculo foi superado quando o Exército, na busca permanente de vocações para recompletar seus efetivos e renovar seus quadros, criou escolas "preparatórias", visando a recrutar os candidatos vocacionados à Escola Militar que não satisfizessem às exigências do ensino Superior ali ministrado.

Devidamente orientado, Amaro bateu às portas de um quartel e sentou praça no 2º Batalhão de Engenharia de Rio Pardo. Como tal, teve garantida sua matrícula, prioritária para militares, na Escola Preparatória e de Tática, então sediada em Rio Pardo, no Rio Grande do Sul.

Ressaltam-se duas coincidências notáveis: a primeira, a de que Amaro verificara praça em uma Unidade de Engenharia, Arma na qual despontaria, mais tarde, como oficial; a outra, a de que, em sua organização, essa Unidade dispunha de uma Companhia de Estrada de Ferro e de Telégrafos, atividades com as quais tanto se familiarizara.

Mas, foi como aluno militar que sua vida na carreira se iniciou, no remoinho das transformações trazidas com a República.

Estava surgindo um novo Exército, despertado pelo desastre de Canudos, órfão dos grandes chefes da época do Império, dos chefes da Campanha do Paraguai. Ressurgia empolgado pela vitalidade e pela vontade do Gen Hermes da Fonseca.

O término de seu curso preparatório coincidiu com o episódio da revolta contra a vacina obrigatória, que eclodira no Rio de Janeiro, e da qual resultaria o fechamento da Escola Militar do Brasil, na Praia Vermelha, na época, principal centro de formação de nossos oficiais – bacharéis na sua essência, fruto do pensamento e da ação de Ben-

jamin Constant e de seus seguidores.

Este fato gerou, ainda, grandes transformações no nosso Ensino de Formação.

Para Amaro, redundou na volta à tropa e em um estágio como soldado, no 4º Regimento de Artilharia de Campanha, aquartelado em Bajé, onde chegou a ser promovido a anspeçada, a atual graduação de cabo.

Para a sua Escola, mudança de nome e de destinação. O Decreto nº 5.698, de 2 de outubro de 1905, criava a Escola de Guerra de Porto Alegre, "que mostrava, pelo nome, a determinação de formar guerreiros, para a defesa interna e externa da Pátria, e não mais Oficiais Bacharéis ou Doutores em Ciências Físicas e Matemáticas, que não conseguiram responder à altura aos desafios operacionais no campo da Segurança Interna, gerados com as Revoltas de Canudos, da Esquadra e da Revolução Federalista no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, no final do século dezenove".

Era o início do esforço de profissionalização.

Pôde, então, o jovem aluno retomar o seu caminho. Com ele, muitos dos que, no Rio, participaram do episódio da Revolta contra a vacina. Em Porto Alegre, reintegrados ao Exército, puderam matricular-se naquela Escola, e no seu tempo, enriqueceram a história do Exército, tornando-se grandes chefes militares das décadas de 30 e 40.

Nessa Escola, preparou-se para o oficialato, por dois anos, recebendo aulas teóricas de Física e Química, que muito o atraíram. Seus conhecimentos se ampliaram e alicerçaram. Teve, então, a oportunidade de reconhecer em livros e em laboratórios, aqueles assuntos e personagens que tanta curiosidade e tanto agrado lhe haviam causado na meninice.

Em seguida, a conclusão do curso; breve, de dez meses, na Escola de Aplicação de Infantaria e Cavalaria em que se aprofundou na parte militar de sua formação. Nela, voltou à prática da telegrafia, além de aprender telefonia, fotografia e criptografia.

Ampliados os seus conhecimentos, alicerçados pela prática e pela aplicação no campo militar, em 2 de janeiro de 1909, foi declarado Aspirante a Oficial de Infantaria e Cavalaria.

A vida de aluno demonstrava sua aptidão para a especulação científica e despertara, de forma definida, sua vocação.

Os conhecimentos adquiridos possibilitaram-lhe as condições para requerer licença, que obteve, para cursar a Escola de Artilharia e Engenharia, na Capital Federal, no subúrbio carioca de Realengo.

Seus alunos, já oficiais, frequentavam-na em regime escolar de externato. Alguns, já casados, levando vida caseira, diferente dos solteiros congregados em "repúblicas", de que havia várias, espalhando-se pelo

Realengo, Campinho, Cascadura e, até, o centro da cidade.

Amaro alojou-se em uma delas, no Campinho.

O trajeto de ir e vir, cumpria-o de trem, passando diariamente pelo sobrado junto à estação, residência de Olga Ramos, jovem, bonita e fagueira. Logo, percebeu a moça coincidir seus horários no portão, a tempo de retribuir-lhe a atenção, com o olhar e o sorriso. O namoro resultou em casamento.

O curso da Escola de Artilharia e Engenharia era feito em duas etapas. Dois anos para a fase de Artilharia e outros três para a de Engenharia.

Havia matérias comuns aos dois cursos.

Na instrução teórica, a Física e a Química aplicadas à arte da guerra, isto é, ao que se relacionasse com explosivos, telegrafia, telefonia, fotografia e a uma novidade: a aerostação (balões e aviões - o mais leve e o mais pesado que o ar). Resalte-se, entretanto, o interesse e o conhecimento aprofundados que Amaro passara a ter pela eletricidade.

Na instrução militar propriamente dita, a prática de telegrafia, telefonia e fotografia. Os progressos nesses campos foram notáveis.

Nosso Exército já ingressara na modernização e reorganização. Seus oficiais cursavam e estagiavam no exterior, em particular Alemanha e França. De regresso, divulgavam seus co-

nhecimentos e congregavam-se para melhor difundi-los.

Artigos em jornais e revistas mostravam o ardor de que estavam possuídos e o objetivo que pretendiam fosse mantido e desenvolvido: a profissionalização do Exército, mensagem permanente dos "jovens turcos", tempo do surgimento de *A Defesa Nacional*.

A telegrafia e a telefonia sem fio aperfeiçoavam-se. Nosso Exército, cobiçado como futuro bom freguês, recebia propostas e testava aparelhos de fabricantes europeus.

Por essa época, Amaro terminava o curso. Ao concluí-lo, conforme permitia uma Lei ainda do tempo do Império, transferiu-se para a Arma da Engenharia, recém-criada.

Sua primeira Unidade como oficial de Arma foi o 3º Batalhão de Engenharia. O destino conduzia-o ao mesmo 2º Batalhão de Engenharia em que sentara praça em Rio Pardo e que, agora, encontrava-se construindo a estrada de ferro de Cruz Alta a Ijuí, com a nova denominação.

Forçado a relegar a outro plano a eletricidade, Amaro lidou por cerca de sete anos, com trilhos, tijolos, dormentes, locomotivas, desenhos, cálculos, empreiteiros, trabalhadores e firmas estrangeiras.

Responsável pela construção da ponte sobre o rio Ijuí, desempenhou, no 3º Batalhão, diversas funções. Comandou as Companhias, chefiou o Tráfego,

o Escritório Técnico, a Locação e a Construção.

Sua vida, ora no campo, ora na vila e na cidade, em casas de madeira, raras vezes de alvenaria, sem os confortos da cidade grande, foi difícil e penosa, mas encerrou seus encantos, na companhia da jovem esposa e com a alegria dos dois primeiros filhos.

O nascimento dos meninos permitiu-lhe a oportunidade para render homenagens aos sábios e inventores a quem dedicava tanta admiração. Ao primeiro, deu o nome de Kelvin, lorde inglês que inventou o galvanômetro para o recebimento de sinais telegráficos; ao segundo, o de Hertz, cientista que observou as ondas que lhe receberam o nome e cruzam o éter, nas emissões radiofônicas.

O casal teria mais um filho, nascido em 1924, que recebeu o nome de Ajax, o guerreiro grego da Lenda de Tróia. A seguir-se uma regra, poder-se-ia deduzir ser uma homenagem a seu lado bélico.

Nesta fase de sua vida, há uma breve passagem pelo Rio de Janeiro, como instrutor na Escola Militar, em Realengo, "coadjuvante do ensino prático", como se chamava então. Mas, aí, só permaneceu até o fim do ano letivo.

De retorno a Cruz Alta, foi destacado para prestar serviços na Residência de Engenharia de Santo Ângelo.

Sua experiência como construtor de ferrovias durou até

1920, quando foi transferido para Curitiba, para servir no 5º Batalhão de Engenharia. Doravante, a rigor, iria lidar tão-somente com a instrução da tropa. Dedicou-se a preparar seus soldados com o mesmo empenho de sempre, transformando analfabetos em soldados aptos para os exames de recruta.

Nem o frio intenso, nem a geada quebraram a sua determinação. Obteve excelentes resultados.

Entretanto, a permanência em Curitiba – apesar de pouco mais de um ano – representou uma nova oportunidade para fortalecer sua vocação de Engenheiro de Eletricidade. O fato se deu menos de um mês depois de sua chegada: convidado, aceitou e viu-se nomeado para lecionar a cadeira de Eletrotécnica e suas aplicações, na Faculdade de Engenharia do Paraná. Contava, então, 35 anos.

Em 1922, deslocou-se para o Rio, à disposição do Estado-Maior do Exército, para cursar a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO).

Na ocasião, o Exército sofreu a influência da Missão Militar Francesa; e o "Episódio dos 18 do Forte" marcou a agitação política e o início do "Tenentismo".

Na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, travou contato com os instrutores franceses; principalmente, o Comandante Thiebert, a quem, no futuro, iria substituir. No final de 1922, nas manobras de outubro, na região

de Rio Claro, em São Paulo, exerceu as funções de Adjunto do Serviço Telegráfico do I Exército.

Concluiu o curso, classificado em 1º lugar entre os de sua Arma, o que o qualificou a ser convidado para permanecer como instrutor da Escola. Aceito o convite, desempenhou a função por oito anos, quase uma década, desenvolvendo larga experiência bélica, em especial, ao participar, a cada final de curso, das manobras do Estado-Maior do Exército, sempre em funções ligadas ao Serviço de Transmissões. Pioneiro, nas manobras de 1923, instruiu, antes de partir, os integrantes da Companhia de Transmissões do 1º Batalhão de Engenharia, no manejo dos aparelhos de rádio, recém-chegados da Europa.

Sua permanência na EsAO foi brilhante. Destacado instrutor, de valor reconhecido, comumente substituíva os mestres franceses, professando os cursos, em seus lugares.

Nesse período, sua atividade não se limitou aos muros da EsAO, tendo sido um dos organizadores do Centro de Instrução de Transmissões, o CIT, considerado o embrião da nossa atual Escola de Comunicações.

Em fins de 1924, um outro episódio marcaria sua vida e influiria em sua carreira.

Designado Chefe do Serviço de Transmissões das Forças em Operações nos Estados do Paraná e Santa Catarina, serviu às ordens do Gen Rondon. Legalis-

ta, lutou contra os Tenentes do Gen Isidoro Dias Lopes que, abandonando São Paulo, defendiam, agora, seus ideais no Oeste do Paraná, instalando seu Quartel-General na região de Catanduvas, próximo de Guaraçuva.

Nesse ambiente de batalha, o técnico teve a oportunidade de confirmar sua vocação de soldado, de coragem tranqüila, segura, pleno de iniciativas felizes, confiante, audaz.

Rondon, instalado inicialmente em Laranjeiras, onde existia uma pista de aterragem, interdita por causa das chuvas, decidiu aproximar seu Quartel-General, avançando-o para a região de Formigas.

Os rebeldes, sabedores da possível presença de Rondon nessa localidade, decidiram atacá-la.

João Cabanas – um antigo tenente do Regimento Estadual de Cavalaria de São Paulo – à testa de sua "Coluna da Morte", cerca de 300 homens, inclusive alguns paraguaios, foi designado para conduzi-lo. Poder-se-ia adivinhar a ação violenta e sangrenta, logo confirmada, no ataque de surpresa. Amaro se portou com bravura e sangue frio, mantendo-se no posto telefônico e telegráfico, em comunicação constante com o restante das Forças. Quando ali não pôde mais permanecer, pela intensidade do fogo rebelde e face a uma ameaça de envolvimento, retirou os aparelhos e, após pô-los a salvo, incorporou-se ao

reduzido Esquadrão do 4º Regimento de Cavalaria Divisionária, comandado pelo Cap Mário Xavier, com ele cooperando na assistência local e no combate em retirada que tiveram de sustentar.

Seu valor combativo se pronunciaria outras vezes.

Nos idos de março de 25, por ocasião de um ataque rebelde à retaguarda da Polícia Baiana, na região de Roncador, sem medir sacrifícios, nem se preocupar com a desigualdade com que entrava na luta para se opor ao ataque, avançou e lutou.

Quando percebeu que lhe poderiam faltar elementos para prosseguir, resolveu fazer novo esforço para desalojar o inimigo das trincheiras. Então, preparou e carregou. Os rebeldes fugiram, entregando-lhe as trincheiras. Com a sua ação decidida, evitou a perda do Posto de Suprimento de um dos Destacamentos, o do Cel Mariante.

Desses fatos, nunca fez alarde, como era do seu feitio. Mas, dessa Campanha participaram ilustres soldados, notabilizados em futuro próximo, que levariam no espírito a imagem do técnico combatente a defender seu Posto de Transmissões e a carregar contra trincheiras, nos momentos de necessidade extrema e de execução.

O Gen Rondon, na sua proclamação, citou a proficiência de seu Chefe de serviço de Transmissões. Nele, além das qualidades muito especiais de

técnico, que o recomendavam para a função, vêem-se reveladas rara energia, calma e coragem refletida, além de enorme capacidade de comando, caracterizadas em combate.

Haviam-se passado oito meses, desde que partira de casa. Terminada a Campanha, encontraria agora o caminho do lar e a paz da Escola, a repassar ricas experiências.

Em fevereiro de 1925, acumulou as funções de Professor da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, indicado para as cadeiras de Eletricidade e Transmissões. Voltava ao elemento que lhe era mais agradável; e, logo, começou mais uma etapa significativa de sua vida.

No mês de março de 1926, reuniram-se em convenção, no Rio de Janeiro, os amadores em transmissão em ondas curtas. Dessa reunião, resultou a Associação Brasileira de Radioamadores, tendo Amaro como um dos fundadores.

No mesmo impulso, surgiu a revista *Antena – Rádio para Todos* que, desde então, vem circulando, renovando-se até nossos dias. É de se imaginar o fervor com que se entregou Amaro à missão voluntária, junto com Meira de Vasconcelos, capitão como ele, no Corpo de Redatores. O resultado foi uma série memorável de artigos intitulados "Eletricidade". Amaro chegou a ser Redator-Chefe da Revista. Não se esgotou na Re-

vista, entretanto, sua produção intelectual, sempre estimulada pelo tema de sua especialidade; tendo publicado livros que comporiam, com outros, a "Biblioteca do Radioamador". Esteio redatorial de *Antena*, foi sob sua orientação técnica que a Revista atingiu seu apogeu. Mesmo depois de se desvincular de sua direção – por outros afazeres –, nunca deixou de colaborar com ela. Participava, sempre que podia.

Essas circunstâncias terão sido consideradas pelo Ministro da Guerra a fim de nomeá-lo Chefe do Serviço Rádio do Exército, cargo que desempenharia cumulativamente com a direção do Centro de Instrução de Transmissões.

No País, a política continuava em efervescência, conduzindo-o à Revolução Constitucionalista de São Paulo. Cursava, Amaro, a Escola de Estado-Maior, na ocasião; e, enquanto grande número de oficiais das duas Escolas, Estado-Maior e Aperfeiçoamento, eram integrados aos Comandos e Estado-Maiores das Unidades e Grandes Unidades envolvidas, Amaro permaneceu adido ao Departamento de Guerra, prestando serviço em sua especialidade.

De volta à normalidade, concluiu o curso, novamente em 1º lugar, com menção "muito Bem". Um bicoroadado, no jargão do Exército de hoje.

Em 1934, ascendeu o General Pedro Aurélio de Goes Monteiro ao cargo de Ministro da

Guerra. Amaro, já tenente-coronel, foi chamado a desempenhar as funções de Oficial do Gabinete do Ministro, do qual viria a ser Chefe.

Dessa fase, deixou em seus superiores a mesma impressão de brilho de outras oportunidades. O Ministro Goes Monteiro chegou a confidenciar a um amigo: "o indivíduo melhor que já tive no Gabinete, moralmente, intelectualmente, como profissional, como soldado, foi o Amaro".

Tenente-Coronel antigo, sente a atração pelo desafio do comando. Amaro desejava realizar-se, complementar-se após a experiência vivida. Fora honrosa a missão; mas, sentia-se incompleta, sem viver os problemas do comando, que observara na experiência alheia, de sua mesa no Gabinete. Naquela ocasião, o Gen Goes iniciava uma reformulação da Engenharia, acompanhando a evolução da transposição de cursos de água. A Engenharia de pontes teria que estar à beira dos rios. Com esse espírito, criou, então, dois Batalhões de Pontoneiros: O 1º, às margens do rio Sapucaí; o 2º, em Cachoeira, banhado pelo Jacuí.

Amaro solicitou e recebeu o Comando do Batalhão de Cachoeira. Missão árdua. Para ele, o desafio tinha sabor de realização de carreira. Afinal, fora por ali que ingressara na vida militar.

Encontrou, em Cachoeira, um quartel vazio. O 3º de Sapa-

dores, que o ocupara, fora transformado em Batalhão Rodoviário e dali transferido para Bento Gonçalves.

Cabia-lhe dar vida à Unidade. Mostrou, então, ser um grande organizador. Cercou-se de bons quadros, principalmente oficiais: convidando, dentre outros, o Cap Lyra Tavares, que servia em Vacaria e que, prontamente, aceitou. Era o seu único oficial com curso de aperfeiçoamento.

Quanto às praças, verdadeiro desastre. Poder-se-ia imaginar serem os conscritos que haviam sobrado de todas as incorporações, tais as precariedades de motivação, de aparência e de disposição para se enquadrarem à disciplina militar.

A experiência vivida não se lhe apagaria da memória. Com seus oficiais, viu o final do ano chegar; o Batalhão tinindo, ao seu feitio: enquadrado, instruído, pronto! Amaro, promovido a coronel, passou o Comando para assumir outro Batalhão.

Dessa feita em Lajes, Santa Catarina. Era o 2º Batalhão de Sapadores abrindo caminhos, construindo o trecho da estrada de rodagem entre Lajes e o Passo do Socorro, na divisa entre o Rio Grande e Santa Catarina.

Para sua felicidade, do outro lado da fronteira estadual, comandando o 1º Batalhão de Sapadores; seu amigo de sempre, o Cel Raul Silveira de Melo, com idêntica missão no território gaúcho, referente ao trecho

Passo do Socorro-Vacaria. Pedacos da história de nossos Transportes, de como e de quem construiu trechos que vieram a compor a atual BR-116, espinha dorsal de nossa malha rodoviária.

Política novamente em evidência. Interesses, manobras e confabulações voltavam a caminhar *pari passu* com a labuta cotidiana dos quartéis.

Desta feita, no Sul, Flores da Cunha, discípulo de Pinheiro Machado, almejava o poder. Nos pagos, manejando batalhões de "provisórios", tornara-se um verdadeiro condestável.

Goes Monteiro, tático, hábil, visão do estrategista, experiente da Campanha de 1930, da qual fora um dos principais chefes militares, movimentou suas pedras e fechou os acessos de Flores para o Norte.

Outra vez, tem Amaro a oportunidade de temperar suas aptidões.

Com a missão de barrar os "provisórios" de Flores da Cunha, o 2º Batalhão de Sapadores recebeu, em reforço, uma Cia do 14º Batalhão de Caçadores, um Esquadrão e uma Seção de Metralhadoras do 5º RCD e elementos da Força Pública de Santa Catarina, constituindo o Destacamento Amaro.

Do outro lado do rio, servindo no Batalhão do amigo Raul, seu filho Kelvin, colocado lá na frente, à testa da Unidade, para ficar perto do pai, até o final da missão.

Essas experiências de com-

bate que lhe ornaram o caráter militar nunca chegaram a afastá-lo de sua vocação de menino. E ei-lo deixando Lajes, recebendo o comando da Escola Técnica do Exército, sediada, então, na Rua Moncorvo Filho (onde hoje funciona a Policlínica Militar, no Rio de Janeiro.

Nela, desenvolveu laboriosa atividade, culminando com a regulamentação do Quadro de Técnicos do Exército (o atual Quadro de Engenheiros Militares).

A promoção a general foi um prêmio que lhe chegou quando estava no Comando da Escola, em janeiro de 1939.

Recebeu, então, o Comando da 9ª RM (MT) onde ficou por pouco tempo. Retornou à Capital Federal, no Rio de Janeiro, como 1º Subchefe do Estado-Maior do Exército, comissão também de curta duração, antes de iniciar outra fase de brilho em sua carreira, espraiando-a fora do Brasil.

Nomeado Adido Militar nos EUA, acumulou a função com as de Chefe da Comissão de Compras e de Representante do Exército na Junta Interamericana de Defesa.

Na Comissão, teve a oportunidade de cooperar com o Embaixador brasileiro na realização de um acordo secreto, que incluiu o Brasil na lei americana “do Empréstimo e do Arrendamento”. Sua ação tornou possível os primeiros embarques de material de guerra, em meados de 1941, e de muitos outros,

abrangendo matérias-primas vitais à nossa indústria militar, incluindo máquinas e até mesmo fábricas, que possibilitaram a ampliação de nossa indústria bélica. Tal foi a dimensão do seu trabalho.

Como membro da Junta de Defesa, prestou, também, importante colaboração; apresentando, entre outros, um trabalho sobre a defesa conjunta do continente, visando, em particular, ao Nordeste do Brasil, naquela época, muito em foco, em face das ameaças que as vitórias do Eixo, no Norte da África, trariam ao território nacional.

Com o espírito da época, em face do inimigo comum que se avizinhava, este trabalho teve grande repercussão no Estado-Maior norte-americano, e serviu de base a estudos feitos por técnicos especialmente designados para tal fim.

Sua atuação no exterior, inclusive como Adido, deixou marcada, fortemente; sua passagem por Washington, o que se pode avaliar por ter sido o primeiro oficial estrangeiro a ser agraciado com a “Legião do Mérito”, condecoração criada por George Washington, e que lhe foi entregue em presença de uma guarda de honra de 7.000 homens, a qual desfilou em sua homenagem, após ele tê-la passado em revista.

De volta à Pátria, chefiou a Diretoria de Engenharia. Nessa função teve a oportunidade de inspecionar obras em todo Brasil. Dentre elas, a construção da

nova Academia Militar, em Resende.

Com a entrada do Brasil na Guerra, foi nomeado comandante da 7ª Divisão de Infantaria Especial, sediada no Recife. Sua missão: preparação para a guerra e vigilância e segurança do litoral.

Quase ao término do conflito é nomeado para exercer, interinamente, o Comando da 2ª RM, em São Paulo. Promovido a general-de-divisão, último posto da carreira, à época, foi efetivado no Comando.

Finda a guerra, a vida política do Brasil foi alterada pelas conseqüências da participação da nossa Força Expedicionária nos campos de batalha da Europa, lutando contra o totalitarismo.

Deposto Getúlio Vargas, assumiu o Ministro José Linhares. O nome de Amaro foi, então, cogitado para Ministro, entre os três levados ao novo Presidente. Mas, Goes permaneceu na função.

Transferido para o Rio Grande, sua terra natal, Amaro foi nomeado Comandante da 3ª Região Militar.

Quatro meses depois, pediu

transferência para a reserva; o que se efetivou em 4 de maio de 1946.

Despedia-se da vida militar aonde começara menino, nas margens do Jacuí, aos 45 anos de serviço ativo.

Como ocorrera tantas vezes após o combate, desta feita na paz da inatividade, retornava à sua primeira e maior vocação: as Comunicações.

Voltando a escrever para a *Antena*, assistiu ao advento da televisão, interessando-se pela novidade. Fiel, entretanto, intensifica suas atividades de radioamador.

Só então pôde dedicar-se à construção de sua primeira e definitiva casa própria, na Rua Raiz da Serra, na Usina, no Alto da Tijuca, onde hoje ainda vive D. Olga aos 91 anos.

O General Amaro faleceu no dia 12 de abril de 1963, aos 78 anos de idade.

Foi povoar a eternidade, deixando ecoar entre nós o seu prefixo de radioamador; aquele mesmo prefixo que todas as manhãs rasgava o éter, fazendo a clássica advertência: "PY 1 A V." A de Amaro, V de voltando à nossa lembrança, neste artigo.



*Ten Cel Cav QEMA SÉRGIO ROBERTO DENTINO MORGADO – Natural do Rio de Janeiro, possui os cursos da AMAN, EsAO, ECEME e o curso de Relações Públicas da Fundação Getúlio Vargas. Foi condecorado com as medalhas militar de Prata (20 anos) e Ordem do Mérito das Belas Artes – Grau Grande Oficial. Teve como funções principais: Cmt de Pelotão no 9º Regimento de Cavalaria, São Gabriel – RS (1ª OM), Sub Cmt do Esquadrão Ten Amaro, Ajudante de Ordens do Exmo Gen Argus Lima no Comando da 6ª Região Militar, Salvador – BA e no Comando Militar da Amazônia, Manaus – AM, Instrutor do Curso de Cavalaria da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Diretor do Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos de Cavalaria do I Ex, Instrutor de Seção de Política e Estratégia da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, sendo, atualmente, responsável pela cadeira de História Militar.*